

O PROLETÁRIO

Nº
54

Uma Publicação mensal de Proletários Marxistas
Não aceitamos que a burguesia nos financie. Por isso se faz necessário a cobrança de R\$ 1,00
(um real) para o custeio da publicação do jornal.

NESTA EDIÇÃO:

O Governo Lula em Crise Está Muito Bom para a Burguesia e seus Negócios.	02
Às Organizações Iniciadoras do Comitê Organizador da Greve de 1º de Dezembro nos EUA	03
Por Uma Luta Continental Unificada da Juventude Operária e da Classe Operária de Toda a Europa!	04
Em Defesa de Uma Central Proletária Soviética	05/07
A Necessidade do Movimento Sindical XIX Congresso do SINSPREV	08
O Petróleo como Alternativa	09
Diretório Acadêmico da FAFIL –FSA	10
APEOESP: Governo e Burocracia Petista de Braços Dados	11/15

**Escreva para o Jornal *O Proletário*
Caixa Postal n.º 140 CEP 09910-970, Diadema, São Paulo**

**Venham para os cursinhos de Marxismo.
Informem-se!**

Só com consciência de classe (construção de um Partido Revolucionário, com a tomada das fábricas e terras das mãos da burguesia, passando-as para as mãos dos trabalhadores, teremos os problemas do campo, moradia, emprego, salário e condições de vida resolvidos.

“Impeachment” de Lula, cassações, não não... Para que?

Os negócios imperialistas estão em alta, a segurança do pagamento dos juros e do serviço da dívida Externa e interna estão assegurados, pelo contrário ainda estão os imperialistas quase que duplicando a dívida, apesar da meta de superávit primário de 4,25% e das remessas de dólares para o capital financeiro mensalmente acima deste patamar.

O Governo economizou (saqueou das aposentadorias, dos hospitais, das Escolas, dos direitos históricos dos trabalhadores) para atender as exigências dos “credores imperialistas” a chamada economia pública para saldar os serviços (juros) da dívida externa. O superávit primário, foi de R\$ 7,571 bilhões em setembro. No acumulado do ano, o saldo já é de R\$ 86,502 bilhões, o equivalente a 6,1% do PIB (Produto Interno Bruto), e acima da meta do governo de 4,25% do PIB (R\$ 83,849 bilhões).

O total é resultado de toda a economia feita pelo governo federal (incluindo INSS e Banco Central), Estados, municípios e empresas estatais. Apesar do aperto fiscal revelado pelo relatório de Política Fiscal, divulgado pelo Banco Central, só de juros da dívida o país pagou R\$ 14,461 bilhões em setembro – quase o dobro da economia registrada. No ano, já foram pagos R\$ 120,149 bilhões, contra R\$ 95,284 bilhões no mesmo período do ano passado.

Em setembro, o governo federal economizou R\$ 2,930 bilhões, os governos estaduais contribuíram com R\$ 1,737 bilhão e as estatais com R\$ 2,903 bilhões. No acumulado de janeiro a setembro a economia da União foi de R\$ 53,464 bilhões (3,8% do PIB), enquanto Estados e municípios entraram com R\$ 19,050 bilhões (1,3% do PIB) e as empresas estatais contribuíram com R\$ 13,988 bilhões (1% do PIB). Segundo o próprio Banco central, o resultado nominal do setor público em setembro foi deficitário em R\$ 6,890 bilhões, em função, basicamente, do aumento da dívida mobiliária (em títulos públicos) em R\$ 12,8 bilhões.

O déficit (resultado negativo) sobe para R\$ 33,647 bilhões no acumulado do ano, equivalente a 2,4% do PIB. Nos 12 meses fechados em setembro, as necessidades de financiamento do setor público somam R\$ 55,3 bilhões, equivalentes a 2,9%

do PIB.

Como vemos, toda a sangria em cima da miséria crescente dos trabalhadores, da barbarização das relações de trabalho e da sociedade se impõem pelos interesses das metrópoles.

No campo interno estes mesmos imperialistas que controlam 80% de nossa economia são ainda complementados com o arrocho sem precedente. Os salários, totalmente corroídos, os direitos são diariamente negociados, os bancos faturam lucros nunca vistos.

Este governo consegue esta façanha com a retaguarda das direções dos maiores Sindicatos e Centrais Sindicais do país. A grande burguesia necessita de outro governo?

As direções do PT, a Igreja, os burocratas, e os membros do governo Lula diante dos escândalos da corrupção dizem! Por acaso o Governo do FHC não roubava, por acaso a corrupção é obra somente do governo Lula, etc., etc. Para defender seus privilégios e o Governo de Frente Popular, colocam-se em comparações e mais comparações. De fato vocês têm razão! Este Governo realmente está entrelaçando-se com a burguesia em todos os seus sentidos e princípios.

A que ficar claro que não fazemos coro com os centristas, reformistas e oportunistas tipo PSTU e esquerdas de variadas origens, de que:

O problema se resume em eleger um governo que rompa com o FMI e suspenda o pagamento dos serviços das dívidas externa e interna, gastando estas somas infindáveis de recursos no desenvolvimento econômico nacional e no desenvolvimento social.

Afirmamos em alto e em bom som que, um governo eleito nos marcos da democracia burguesa se torna totalmente incapaz de romper com o imperialismo. Afirmamos em alto e em bom som que, o rompimento com o imperialismo se dá no rompimento com o modo de produção capitalista e esta façanha só se torna possível com as massas organizadas como classe e com o devido armamento destas. Não se trata de uma questão de violência ou não, e sim de uma condição de enfrentar a violência sanguinária dos capitalistas, que não podem nem pensar em verem seus lucros e saques imperialistas ser paralisados.

Buenos Aires, 11 de outubro de 2005.

Às Organizações iniciadoras do Comitê Organizador da Greve de 1° de dezembro:

Estimados Camaradas:

Desde Bolívia, Peru, Chile, Argentina, Brasil e outros países da América Latina têm recebido com enorme alegria a notícia da conformação do Comitê Organizador do chamamento a realizar uma greve geral nos Estados Unidos neste 1° de dezembro !Contra a pobreza, o racismo e a guerra”.

Temos feito nosso chamamento, temos traduzido ao espanhol e ao português vosso volante, temos reproduzido em nossas publicações e temos difundido e repassado o apoio a vossa iniciativa à dezenas de Organizações Operárias e de luta nos países em que atuamos.

Já durante 2004 havíamos tomado conhecimento da construção do Movimento da Marcha por Um Milhão de Operários contra a guerra e do programa de demandas antiimperialistas, anticapitalistas e da luta por recuperar o Internacionalismo proletário. Também traduzimos ao espanhol e ao português e publicamos seus programas e assim informamos a vanguarda operária latino-americana da grandiosa ação dos portuários da Bahia de São Francisco que chamaram a greve em todos os portos em 19 de março passado em rechaço a guerra e a ocupação no Iraque.

Da mesma maneira, esperamos haver contribuído para que os mineiros, os operários e jovens revolucionários de *El Alto* em Bolívia- vanguarda da luta contra o governo de Mesa e hoje de Rodrigues, contra as transnacionais e pela nacionalização dos hidrocarbonetos; os mineiros, trabalhadores portuários, estudantes combativos do Chile; os trabalhadores peruanos; a vanguarda operária brasileira que enfrenta o governo pro-imperialista de Lula; e os operários e piqueteiros da Argentina que lutam contra o governo de Kirchner, servente do FMI, conheçam os enormes passos adiante que estão dando nossos irmãos de classe do Estados Unidos (podem ver as propostas publicadas no site: www.fti-ci.or).

Companheiros: desde a América Latina explorada e desagregada pelo imperialismo norte-americano, porém também por seus competidores imperialistas espanhóis, franceses, alemães celebramos a luta que vocês começaram. Porque somos operários e jovens conscientes de que é a classe operária norte-americana a que tem em suas mãos a chave para que *ianque* seja liberado da ocupação e que triunfe a heróica resistência das massas nes-

ta ação, e para que as lutas revolucionárias dos operários e camponeses latino-americanos contra o imperialismo, contra os regimes e governos que são seus serventes, alcance a vitória.

Uma só classe operária, uma só luta contra o inimigo comum, desde o Alaska até a Terra do fogo! Isto é o que esperamos e necessitam os operários e os explorados de toda as Américas.

Enquanto vocês junto a centenas de outras Organizações Operárias e de luta colocam em pé o Comitê Organizador e lutam pela greve geral em 1° de dezembro, Bush visita a Argentina em 4 e 5 de novembro, participando das “Cúpula das Américas”.

Frente a isto nós temos reivindicado juntos aos operários da América Latina e de Argentina em particular: Sigamos ao exemplo de nossos irmãos de classe dos Estados Unidos. Colocamos em pé um Comitê Organizador para que se organize a greve geral em Argentina nos dias em que Bush cumpriria sua visita. Com piquetes e bloqueio das ruas, para que o genocida Bush, assassino do povo iraquiano e responsável de que o Furacão Karina tenha sido transformado em um massacre de trabalhadores e explorados em Nova Orleans não pisassem no território latino-americano.

Camaradas: nos sentimos lutando com vocês na mesma barricada. Por isso, voz solicitamos que nos incluam como aderentes e impulsionadores do Comitê Organizador da Greve nacional de 1° de dezembro, comprometemo-nos por nosso compromisso revolucionário a seguir difundindo vossa luta entre os operários e explorados latino-americanos.

Enviamos então nossas saudações proletárias e internacionalistas a todos vocês e a toda a classe operária norte-americana.

Viva a classe operária norte-americana e sua vanguarda combativa!

Viva o Comitê Organizador da greve de 1° de dezembro!

Viva o Internacionalismo Proletário!

Lutemos por uma luta continental unificada e pela solidariedade proletária Internacional, para que Bush, assassino de nossos irmãos de classe do Iraque e de Nova Orleans seja derrotado.

Agrupamento Obreiro Estudantil “Outubro Rojo Internacionalista” (ORI), de Bolívia, Liga Trotskista Internacionalista (LTI), de Peru, Comitê Organizador do Partido Operário Internacionalista (COPOI), de Chile, Liga Obreira Internacionalista (IV Internacional)- Democracia Obreira (DO), de Argentina, Partido Operário Marxista (POM), de Brasil.

Se a traição das direções reformista logram separar a heróica revolta da juventude operária da França da luta do resto dos trabalhadores, e permite que sejam derrotados, as conseqüências serão fatais para o proletariado inteiro: a escravidão e o "apartheid" que buscam impor à juventude operária, será o destino que o disporá a burguesia francesa para o conjunto dos trabalhadores da França, e também da Europa.

É que a burguesia imperialista – tanto as do Estados Unidos como a da Europa - pode passar ao ataque contra as próprias classes de operária, porque desde que a burocracia stalinista entregou a China à restauração capitalista, tem conseguido fazer trabalhar como escravos a centenas de milhares de trabalhadores daquele país. Pela mesma razão, conquistaram também os estados operários da Europa do Leste, verdadeiras "assembléias de países" com uma mão de obra barata e altamente qualificada.

Massacrando o Afeganistão com sangue e fogo, ocupando o Iraque e fortalecendo seu domínio no Oriente Médio e Ásia Central, se garantido da Índia e do Paquistão como enormes reservatórios de mão de obra escrava.

A Europa imperialista em particular tem a poucos quilômetros de suas costas um enorme exército industrial de reserva de centenas de milhares de trabalhadores da África negra e do Magreb — muitos dos quais, desesperados, eles deixam fragmentos de sua pele em sua própria vida nas valas de Ceuta e Melilla tentando chegar em território europeu.

Graças a isso conquistou enorme exército industrial de reserva, as burguesias imperialistas européias passaram ao ataque das conquistas e dos salários dos próprios trabalhadores.

A revolta da juventude operária francesa, o grito de "Todas as noites faremos de Paris uma Bagdá", é uma resposta magnífica àquele ataque, juntamente com a greve dos ferroviários, as magníficas greves do proletariado belga, a luta e resistência da classe operária do Estado espanhol e de Alemanha, colocam na ordem do dia a necessidade de uma luta continental unificada em toda a Europa pela escala móvel de salários e das horas de trabalho e por igual trabalho, igual salário em todo o continente, contra os regimes e governos imperialistas. Uma grande ação de luta operária unificada em todo o continente, em apoio a heróica resistência das massas Iraquianas e pela derrota militar das tropas angloyanquis; em apoio em sua luta pela a autodeterminação nacional dos povos oprimidos da própria Europa -Irlanda, o país basco, Kosovo, Chechênia -, em apoio a luta dos

trabalhadores e dos povos oprimidos do mundo colonial e semicolonial.

Para a aristocracia operária, suas burocracias pagas seus partidos -incluídos os renegados do trotskismo - a Europa começa em Portugal e termina na Alemanha. Estes criados de suas próprias burguesias imperialistas vêm na Europa do Leste e na Rússia do capitalismo restaurado como a parte de trás da Europa Ocidental imperialista. São os criados de suas burguesias imperialistas que transformaram a Polônia, Rumania, Hungria, os demais estados operários em colônias e semicolônias cobertos com subterfúgio, a mão de obra escrava e qualificado, e que sonham em também se apossar como faz o imperialismo ianque — com a imensa riqueza da Rússia, Ucrânia e outras nações da anterior URSS, transformando-as em suas colônias escravizadas.

Para os trotskistas principistas, pelo contrário, a Europa começa em Portugal e termina nas estepes russas. A heróica juventude operária francesa e o conjunto da classe operária das potências européias não foram capazes e não poderão avançar ao caminho da revolução sem sua própria emancipação, se não tomam como sua própria bandeira de combate a luta pela restauração da ditadura do proletariado sob forma revolucionária nos antigos estados operários em que o capitalismo foi restabelecido.

Unicamente assim, derrotando às aristocracias e burocracias operárias que as sujeitam às suas próprias burguesias imperialistas, será capaz ao proletariado francês e europeu em avançar a um combate continental unificado. Uma luta assim será o começo de uma revolução proletária em um ou dois países da velha e decadente Europa imperialista, voltando a defender diante da classe operária a única perspectiva possível para a liberação: a luta pelos Estados Unidos Socialistas da Europa, desde Portugal até a Rússia que só pode ser conquistado por meio de revoluções proletárias vitoriosas que derrotem e expropiem as burguesias imperialistas no Ocidente e as novas burguesias restauradora do capitalismo e sócias menores das potências imperialistas do Oriente, e em estreita unidade com a luta revolucionária e antiimperialista dos trabalhadores e dos explorados das colônias e das semicolônias.

Matéria extraída de uma série de 4 artigos sobre França- Quadro 3 - BIOI N° 8 da FTI-CI

Balço do 1º Encontro da CONLUTAS ABC:
A crise de superprodução capitalista e a crise de direção do proletariado internacional

O 1º Encontro da CONLUTAS-ABC foi marcado por uma ampla discussão anterior em torno das 4 Teses inscritas para o mesmo (ver Jornal do Encontro). Na abertura dos trabalhos do 1º Encontro se apresentou uma 5ª Tese dos companheiros do Espaço Socialista.

A pauta e as discussões se deram na seguinte ordem: Situação política, Teses, Lutas e encaminhamentos.

Na primeira fase do rico debate que se transcorreu destacou importantes diferenças que demarcaram bem as diferenças essenciais entre as Teses, principalmente em relação a defesa da Central Proletária e da corrente majoritária que dirige a CONLUTAS, ou seja: Construindo uma Alternativa para as Lutas dos Trabalhadores.

A riqueza do Encontro foi tamanha, os debates se deram de forma acalorada, porém mantendo sempre o respeito político entre os debatedores e entre a Plenária de uma centena de militantes sedentos por uma saída para o Movimento Operário brasileiro e Internacional.

Iremos focar este balanço aproveitando a riqueza das 8 horas de intenso debate transcorrido, tendo como eixo a problemática da crise de Direção do Proletariado Internacional. Três foram os momentos que se colocaram com clareza as delimitações de posições e expressaram o conteúdo da crise de direção.

Um primeiro momento se destacou a análise conjuntural por parte da Tese da Construção Alternativa do ponto de vista nacional e remetendo para a crise do governo Lula, a capitulação da CUT se integrando ao governo de Frente Popular e o apoio as medidas imperialistas deste. Remetia para o rompimento com a Central chapa branca e por uma união dos trabalhadores da cidade e do campo em torno de uma luta antiimperialista.

Da parte da Tese da Central Proletária Soviética se destacou a crise do regime capitalista em seu conjunto como sendo a base da crise a nível em que vive a humanidade. Que o regime da propriedade privada não comporta mais as mínimas condi-

ções de vida aos trabalhadores “o sistema burguês tornou-se demasiado estreito para conter as riquezas criadas em seu seio” (Manifesto do Partido Comunista). Que nos limites da exploração de classe advinda da propriedade privada dos meios de produção capitalista, os mercados ficaram estreitos, necessitando a burguesia de aumentar a taxa de exploração, se conformando como uma potência de ganho de capital parasitário, não diretamente ligado a produção e toda uma política de ressurgimento do neoliberalismo de outrora em uma política ideológica que se justificou pela chamada globalização da economia. Toda uma política de maior extração das taxas de exploração em cima dos países oprimidos. Orientações de uma sangria sem limites, em torno da “modernização do Estado”, da desregulamentação do trabalho, da precarização e privatização dos serviços públicos, e a destruição de Direitos históricos da classe operária internacional. Apresentando esta crise nos marcos da crise de superprodução capitalista e da consigna do Marxismo de Socialismo ou barbárie.

Ao lado da luta ideológica e da luta pelo aumento da taxa de exploração se potenciou a luta por ampliação dos mercados, a busca de matérias-primas sem limites e por desovar suas mercadorias. Esta luta que esteve presente de forma mais aguda na 1ª Grande Guerra Mundial (1914-1918) e também na 2ª (1939-1945), ainda não se desenvolveu para um 3º grande conflito mundial, mas a supremacia armamentista do Imperialismo Americano fruto dos acordos das 2 grandes guerras imperialistas anteriores tornaram possível ao Império Americano que tem sua economia baseada principalmente no armamentismo em traçar uma política de controle militar do planeta, com o espalhamento de bases militares nas regiões estratégicas do mundo, sua supremacia bélica tem possibilitado até o momento a decretação da guerra permanente, por matérias-primas, por controle de regiões, por aquecer a economia americana com a guerra e possibilitar um momentâneo e uma precária amenização da crise de regime capitalista que assola com profundidade todos os centros do capital financeiro internacional.

Os defensores da Central Proletária Soviética expressaram com clareza a situação do Movimento Operário Internacional de que: Por ocasião da traição da II Internacional, com a votação dos créditos para a 1ª guerra imperialista, a burguesia mundial ganhou um importante aliado com forte

penetração no movimento operário internacional. Que esta corrente se dividia em traidores e pró-burgueses declarados e uma ala mais centrista que o bolchevismo denominou de II Internacional e 1/2. Do lado do proletariado mundial se cristalizou o Bolchevismo e a construção da III Internacional Comunista.

Com a traição da revolução Russa e do Bolchevismo pelo Stalinismo, se levantou o que fora denominado por estes traidores de Trotskismo, ou seja, a IV Internacional Marxista. Com O assassinato de Trotski e com uma forte divisão nas fileiras da IV Internacional, com a derrubada do muro de Berlim e dos Estados Operários degenerados, com o poderio ideológico da burguesia mundial, acabou se engrossando a corrente pró-burguesa e imperialista no seio do movimento operário. A Social democracia da II Internacional e da II Internacional e 1/2 e a burguesia mundial ganharam aliados de transcendental importância, ou seja: Ganharam o Stalinismo e uma parte considerada das centenas de grupos espalhados pelo mundo que reivindicam do Trotskismo. Conformou no Movimento Operário Internacional um poderoso aparato centrista, pró-burguês e imperialista, sustentando o capitalismo decadente, mesmo nos seus passos largos à barbárie capitalista.

Quais as reais diferenças programáticas apresentadas nestas duas análises e quais as implicações?

O PSTU dirigente da Construção Alternativa tem se constituído como um Partido com bandeiras da pequena burguesia radical, com vistas ao fortalecimento organizativo no Movimento Operário e a uma saída nos marcos da Democracia e da via eleitoral. Quando defende o não pagamento da dívida externa tão somente como medida orçamentária, para que assim possa seu governo executar as reformas agrárias, melhorias dos serviços públicos, do fim do desemprego, da qualidade de vida dos trabalhadores com o corte da sangria da dívida externa. Esta estratégia leva a toda uma política em torno de ganhar todas as “forças Democráticas” (assim como fora o PT que defendia um leque de aliança com as forças democráticas e progressistas) para um governo dos “trabalhadores”. Desta forma a consigna histórica da independência política da classe operária virá letra morta e se dá nas alianças com o Stalinismo, a igreja, reformistas e revisionistas de todos os matizes.

Vimos então que a consigna de luta antiimperialista serve para se juntar aos traidores Stalinistas, a toda gama de reformistas e burocratas e a um forte setor da Social Democracia, a Igreja. Foi assim nos últimos primeiros de maio etc.

A luta antiimperialista não pressupõe a luta anticapitalista pelo fim da propriedade privada dos meios de produção. Pois manobram uma infinidade de organizações humanistas, organizações que defendem um capitalismo menos selvagem, não monopolista, uma nova globalização ou uma globalização do interesse dos trabalhadores, ou mesmo a luta antiimperialista nela mesma pode ser a defesa de um imperialismo contra o outro, ou ainda um mundo novo é possível sem o imperialismo, mas nos marcos do capitalismo (Fórum Social) etc. Ou ainda, como falsários do Socialismo Marxista com o intuito de esconder seu eleitoralismo.

Esta é uma vertente da crise de Direção do Proletariado Mundial que está presente em todos os rincões do planeta e no Movimento Operário Internacional. A conformação de um poderoso bloco centrista que sustenta o capitalismo decadente mesmo em sua agonia.

Iremos analisar agora como esta posição política estratégica se manifesta na forma de Organização que a ela corresponde e é a pretendida.

Uma CONLUTAS (Coordenação Nacional das Lutas) configurada em uma Direção do Movimento Operário, em uma Direção “Executiva”, disfarçada de uma fórmula próxima de uma Federação de representação de Organizações das mais variadas posições políticas, hoje majoritárias: PSTU e parte do P Sol em uma ruptura com o aparelho cutista, porém, preservando todo seu arcabouço de construção burguesa no seio do movimento operário. Uma Central Sindical com participação do Movimento do campo e cidade, Estudantil, camponês, popular e Associativo. De baixo para cima, democrática, a mais ampla democracia, não a democracia operária é claro, vejamos:

A defesa da Central Proletária Soviética se fundamenta exatamente no legado histórico do Marxismo de que a emancipação dos trabalhadores será obra deles mesmos. No proletariado organizado como classe. Na liberação das energias das massas, nas organizações mesmo que embrioná-

rias expressando assim as tendências instintivas dos princípios Marxistas, para isto se faz primordial e insubstituível o exercício da **democracia operária**.

Como se dará a emancipação dos trabalhadores por obra deles mesmos se negam o PSTU e a Construção Alternativa todo poder as Organizações de Bases, os Comandos de Base, ou Conselhos de Base e em contrapartida colocam todo poder as Direções “Executivas” e a burocracia Sindical ou a burocracia federativa? Como se dará a construção de uma CONLUTAS de baixo para cima sem os mandatos imperativos das Assembléias e dos Comandos de Base e sem a revogabilidade destes?

Distorcem a Construção Alternativa dizendo que a defesa da Central Soviética só se dará em uma situação revolucionária. Estão certos vocês, uma vez que, defendem a democracia e a ascensão ao poder pelo voto, através de um governo dos Trabalhadores. De fato nunca irão necessitar de uma organização embrionária dos trabalhadores da cidade e do campo que exercitem nas suas organizações de base a tomada de decisões sobre sua luta e organização, capacitando-as para as situações revolucionárias que tarde ou cedo sempre chegam. Não precisam vocês, pois assim como na Argentina em 2001, no Equador nas diversas ocasiões, na Bolívia vocês sempre irão defender uma fórmula mágica em união com todos os reformistas para que a burguesia continue no poder, como constituinte, eleições gerais etc. etc.

A crise de direção do proletariado pode ser resumida em criar “Direção de mais” para negar a própria classe como classe em se manifestar e se emancipar.

Na essência está colocado à Construção Alternativa, assim como aos companheiros da LER da Tese Convocar um Encontro Nacional Unificado dos Trabalhadores e da Esquerda Combativa a consigna de ROMPER COM O CENTRISMO e com a democracia formal, construirmos as organizações embrionárias do proletariado Internacional. Que todas as decisões passem por estes organismos.

Por uma Central Proletária Soviética, com os Comandos de Base, a nível Municipal e Regional, com um Comando de Base ou Conselho de Base em escala estadual e nacional.

Por uma Central Proletária Soviética que organize as Oposições Sindicais integrando-as nestes Comandos. Por uma Central Proletária que organize os bairros operários, os estudantes, que incorpore todos os movimentos em luta na cidade e no campo! PELAS REIVINDICAÇÕES IMEDIATAS E TRANSITÓRIAS DA CIDADE E DO CAMPO, COMO PONTE PARA A LUTA ANTI-CAPITALISTA E PELO SOCIALISMO!

Como que em uma confirmação das análises referente a defesa pela Construção Alternativa de uma Central Sindical nos marcos das hoje existente se procedeu uma dura discussão e votação em que a Construção Alternativa venceu por 43 a 42 votos a não realização de um novo encontro da CONLUTAS-ABC, ficando somente encontros municipais, sendo: um no dia 4/12, em Mauá e Rio Grande da Serra e o outro no dia 12/02/06, em São Bernardo, com participação de Diadema, Santo André e São Caetano do Sul.

Militantes da Associação OESTE, do INSS e da APEOESP.

A necessidade do movimento sindical XIX Congresso do SINSPREV

Transcender a mera luta economicista, o leigo corporativismo, o sectarismo, o anarquismo e os oportunistas e reformistas que impregnam o movimento operário; transcender o próprio sindicalismo. Eis a tarefa há muito imposta à política revolucionária que se dá, com efeito, no combate as direções (P-SOL, PSTU, PCdoB, PT assim por adiante) e correntes políticas degeneradas, vacilantes e confusas no ensejo da luta de classes; na disputa pela consciência das massas e na construção socialista da sociedade – no combate ardo e incansável pelo fim do capitalismo.

Logo, o desafio está colocado sob a pena da ruína de todos os trabalhadores.

As traições e capitulações dessas “direções” no decorrer da luta de classes se reproduzem continuamente no regime capitalista e assim o foi (e tem sido desde o início de sua trajetória) no processo de luta dos servidores federais através de sua organização sindical em suas greves, piquetes e Congressos. O Congresso do Sindicato dos Servidores da Saúde e Previdência do Estado de São Paulo (INSS e Saúde federal) expressou tudo o que contorna o movimento operário no Brasil e acaba sendo expressão do estagio em que se encontra o Movimento operário Internacional:

A intensa ação e influência direta do patronato nas organizações operárias levada a cabo por seus agentes cooptadores – a aristocracia operária e a burocracia sindical que assemelham-se mutuamente.

O oportunismo padrão das correntes e partidos de esquerda que digladiam-se pela oportunidade de reciclar a si como burguesia.

A negação dos sindicatos como instrumentos de luta da classe operária e dos próprios mecanismos legítimos de luta desta, devido à desmoralização pelas trapças, mentiras, capitulações e traições empreendidas pela burocracia sindical e seus simpatizantes.

E enfim, a confusão na direção do movimento operário, ora orquestrada e ora generalizada, devido à arena de trampolim político que se tornou os sindicatos.

Pela completa ausência de uma direção revolucionária marxista que contemple a classe operária, a opinião pública dos trabalhadores se divide majoritariamente em três variantes:

Uma primeira que reflete diretamente a influência da burguesia que assola, intimida e corrói os trabalhadores que é a aristocracia operária cristalizada na burocracia sindical (articulação). Que se esmera em delatar, caluniar os lutadores e defender as políticas do capital em detrimento da massa; que são financiadas direta ou indiretamente pela burguesia e não consideram sequer a remota possibilidade de perderem o aparelho sindical (seu ganha-pão) ou de permitirem que se desenvolva, ainda que minimamente, a democracia operária e a livre ascensão revolucionária da massa.

Por este motivo, inclusive, no Congresso em questão, esta fez um duro ataque à democracia operária, arrancando pela raiz um de seus princípios no sindicato depois de ter espoliado muitos outros, a proporcionalidade. Num momento em que mesmo a precária manutenção desta degenerada proporcionalidade, que durante décadas lhes assistiu, se faz uma ameaça à sua hegemonia.

Constituindo as outras duas variantes o que considero, sem prejuízo à concepção original, a “doença infantil do comunismo: o esquerdismo”. Tanto pelo fato de agregar aquelas correntes de denúncias evasivas e rechaço aos parasitas corrompidos do movimento operário (outrora “ditadura dos chefes” e “oligarquias”) que, quando não fundamentadas pelos conceitos do socialismo científico revolucionário, escondem ou desviam-se indubitavelmente para a negação da organização superior da classe operária e a negação do próprio sindicato. Como pelo fato de também agregarem-se (a meu ver) às correntes oportunistas que, viciadas na luta imediatista, adotam uma postura dúbia, quando não mal intencionada, de tendência ao reformismo não menos parasitárias que seus colegas de capitulações (o bolo dos partidos pequeno-burgueses e companhia). Com suas prerrogativas eleitoreiras, seus estratagemas aparelhistas e sua incongruente política falsificada de socialismo.

Quanto a esta última, muito mais que o anarquismo está presente nos sindicatos (ou entre os sindicalizados empregados) e que, notoriamente, representa um de nossos piores inimigos: o *revolucionarismo pequeno-burguês* e sua influência na massa.

A título de exemplo, em nosso desprestigiado congresso e a política predominante em nosso sindicato, toda a esquerda se coaliza caoticamente no enfrentamento a articulação governista, adotando frentes eleitorais e unidades de ação com os renegados da luta operária, a fim de conquistarem o parêntese sindical muito mais preferencialmente que remeter-se a classe operária e comprometer-se indissolúvelmente com sua luta, sem capitulações. Eis que, curiosamente, essa esquerda não vê menos euforicamente o fim da proporcionalidade como a negação da democracia operária, pronto que esta negação da própria democracia operária a liberta do compromisso árduo de trabalho por prover os trabalhadores das condições para sua própria libertação por suas próprias mãos.

O movimento operário, mundialmente, está comprometido caso não se trave o combate a estas variantes, atuando revolucionariamente no que concerne à intensa luta contra o capitalismo na perspectiva inevitável da necessidade do socialismo. Conscientes de que não é possível conquistar nem minimamente qualquer melhoria na qualidade de vida dos operários dentro dos marcos do capitalismo. Inclusive, que qualquer concessão aos trabalhadores prolifera um enorme prejuízo ao capital decadente, obrigando-o a retomar em dobro. Para superar a crise de direção em que se torna cauda primeira de sustentação deste regime infame que soterra a humanidade, haveremos de nos organizarmos independentemente, como proletariado organizado como classe.

Seja no sindicato da Seguridade Social (SINSPREV) ou nas associações de bairros e de desabrigados; seja no sindicato dos metalúrgicos ou na associação de camelôs; haveremos de conquistar o reconhecimento dos lutadores e abraçar suas lutas. Negar as organizações dos trabalhadores é dar as costas a estes. Negar a necessidade do Partido Revolucionário do Proletariado no agir e conduzir essas organizações é impossibilitar o próprio comunismo. Ignorar a influência reformista pequeno-burguesa, sem identificá-la e combatê-la, é compartilhar da mesma doença infantil que os acomete: o esquerdismo.

Assim, pois, o momento não prioriza (e nunca haverá de fazê-lo) as disputas eleitorais e aparelhistas nos sindicatos, mas a reconstrução das organizações por conselhos de fábrica nos locais de trabalho; **não às negociações de cúpulas sobre a sorte dos trabalhadores**, mas os meios de ação direta dos trabalhadores (cartas abertas, atos públicos, greves, piquetes, manifestações, bloqueio de ruas e ocupação dos locais de trabalho pelos lutadores); **não aos vícios deliberativos de representação dos trabalhadores em suas “conferências”, palestras de pequeno-burgueses iluminados em seus congressos corrompidos**, mas pela soberania das assembleias unificadas, livres do patronato, a revogabilidade dos dirigentes eleitos para seu mandato **executivo** e representatividade reconhecida pelo conjunto dos conselhos de operários por local de trabalho para que ocupem estes as máximas instâncias de suas organizações; e, principalmente, a **vigência da democracia operária que deve imperar entre os trabalhadores.**

Muito além das necessidades imediatas e corporativas destes, e não as disputas entre os setores da burguesia, são os pontos que nos unificam na luta contra o capitalismo. Repito, transcendendo os marcos sindicais economicistas e as fronteiras corporativas, preconceituosas e nacionalistas. Condições primeiras e indispensáveis para atuar na luta de classes pela construção do Socialismo.

O PETRÓLEO COMO ALTERNATIVA

O Pólo Petroquímico União começou a ser construído em 1966 e iniciou suas operações em 1972. Dentre 1800 funcionários só da Petroquímica União S.A 500 são de empresas terceirizadas, ou seja, de toda a produção boa parte da mesma é feita com o auxílio de trabalhadores com nenhuma condição de garantia de trabalho, pois contratando desta maneira o burguês não paga impostos e direitos como INSS, auxílio doença, convênio médico, e direitos trabalhistas, que vem sendo cada dia mais sucateados. Estas conquistas históricas da classe operária de períodos anteriores se constituem em uma fortaleza do movimento operário Internacional, uma grande guerra devemos realizar para defendê-los.

Hoje o pólo é composto por 14 indústrias: Chevron, Oxiten, Poli Brasil, SOLVAY, UNI-

PAR, Petrobrás, PQU dentre outras. O pólo petroquímico, assim como as empresas imperialistas se acham importantes para a região dizendo contribuir com o desenvolvimento e com o meio ambiente, ajudando as comunidades vizinhas com políticas sociais, programas culturais, etc. Porém, não passa de uma falácia burguesa, pois a maioria das pessoas da região convive com a fome morando em precárias condições de vida com o lixo que o Estado Burguês contribui para a comunidade, portanto se torna de suma importância estratégica para as empresas de o pólo, manter uma relação fictícia com as mesmas.

O Pólo Petroquímico União S.A da Região Metropolitana de São Paulo, localizado na divisa de Santo André, Mauá e o Município de São Paulo tem suas origens numa época de opressão política, através do governo reacionário dos militares a cabo da grande burguesia, tanto nacional como internacional, no começo da década de 50. Ocasão em que a Petrobrás instalou uma de suas primeiras unidades no Estado de São Paulo, a refinaria de Capuava – na época a maior refinaria de petróleo do país. O petróleo é hoje a maior e a mais utilizada forma de energia, ou combustível, sendo de suma importância sua produção para manter grandes indústrias funcionando. Além disso, torna-se estratégico para a região do ABC contar com a produção de tal matéria prima.

Essa façanha se repete no país vizinho da Bolívia com o consorcio com as empresas imperialistas, com o saque das matérias primas e ao operariado do altiplano Boliviano. Atuar dando apoio ao movimento dos operários e camponeses na Bolívia pela “NACIONALIZAÇÃO SEM INDENIZAÇÃO DOS HIDROCARBONETOS JÁ” se torna a cada dia mais importante para a construção e organização da classe operária na América Latina e no mundo. A luta dos camaradas na Bolívia não foi em vão. Mais cedo ou mais tarde, repetirão seu levante. Por isso que se faz de extrema urgência nos posicionarmos diante dos acontecimentos. A situação dos países de economia atrasada com empresas de tecnologia em alto desenvolvimento, as multinacionais, e as empresas nacionais com importação de tecnologias demonstra, a desigualdade de condições de concorrência e por isso, contribui, para o agravamento do desemprego no país. Este fenômeno foi denominado no *O Proletário n° 51* e é parte das análises Marxistas como sendo o “desenvolvimento desigual e combinado”. O abastecimento de gás natural GNV às indústrias que são grandes consumidoras de energia, como algumas do pólo petroquímico de Santo André, todas de capital estrangeiro roubando as ri-

quezas nacionais em prol do conforto de uma pequena minoria de pessoas, pequena casta de burgueses. Como já dito em edições anteriores de *O Proletário*, dos 400 postos de gasolina que possui a Bolívia, 90 são da Petrobrás. O movimento operário e camponês boliviano, apesar de ter sofrido abalos, exigiu a nacionalização sem indenização das multinacionais e empresas estrangeiras no país. Contudo, estes acontecimentos nos mostram que devemos organizar-nos em torno de uma mobilização internacional, exigindo o fim da exploração burguesa rumo à ditadura do proletariado.

DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FAFIL-FSA

- Nova Diretoria Executiva do DA –FAFIL.
- A renúncia à luta em prol dos estudantes e a defesa da Educação Pública e de qualidade de continuidade.

A Eleição ocorreu em setembro de 2005. Seguiu-se um período de intensa movimentação no Centro Universitário e na FAFIL: A Luta de Federalização do CUFSa; Contratação pela Reitoria de uma empresa de segurança para militarizar o Centro Universitário; Contratação pela Reitoria de empréstimos Bancários, trocando moeda pelas cobranças dos inadimplentes; Processo de discussão da eleição da Reitoria. Todos estes temas em estreita relação com a política de maior mercantilização dos cursos da FSA, do aumento da mensalidade e fechamento de Cursos, de ameaça aos inadimplentes. O que se tentou fazer? Nada, nada! Limitou-se formação de chapa por conchavos nos corredores com os antigos membros do DA, sem nenhuma discussão de programa, tudo se resumia na reconstrução do Diretório Acadêmico; este era o começo e o fim do programa. Após as eleições não houve nenhuma convocação dos estudantes para a luta. Uma reunião fôra convocada por pressão de CRCs, uma proposta de carta aberta e de denúncia foi aprovada em tal reunião. A nova direção do D.A. da reconstrução não encaminhou, ao invés de organizar a luta, convocou uma discussão sobre a eleição da Reitoria com vistas a um acordo político para apoiar a oposição, não saiu o acordo, nada foi realizado. Após o fim das aulas convocou uma Assembléia do DA para discutir funcionário e a contratação de um Advogado para resolver o problema das inadimplências.

Desta maneira a Reitoria ficou com as mãos desembaraçadas para agir. Retirou do SIT a propa-

ganda do pregão 005/2005, a Direção do DA se contentou e deu o caso por encerrado. Veja alguns tópicos do pregão 005/2005 publicado em setembro de 2005: Um Anexo I – Termo de referência, objetivando a contratação de empresa para prestação de serviços contínuos de vigilância e segurança, com instalação de equipamentos de circuito fechado de câmaras CFTV, manutenção dos equipamentos a serem instalados para as dependências da FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ conforme especificação constante do anexo:

No item 2 – 31 postos de vigilância. Circuito fechado de Televisão e Vídeo- CFTV: com 8 câmara color, computador 80 Gbits de Hard Disk, com software correspondente para gravação das imagens das câmaras; – Itens 3, 4, 5; 5.1.7 colaborar com as Policia Civil e Militar, nas ocorrências de ordem policial dentro das instalações; 5.1.30 – não permitir a entrada de embrulhos, volumes, pacotes, malas, bolsas, sacolas ou outros sem conhecimento do Responsável pela Administração local; Item 6. Casos de Greve. 6.1 não permitir a entrada de quem quer que seja, que se negue a identificar-se, salvo por decisão do Responsável pela Administração local; 6.2 não permitir a formação de piquetes nas áreas edificadas, com cobertura contratual; OBS: entende-se por grupo de manifestante grevistas, reuniões ou ajuntamento superior a 04 (quatro) pessoas, cuja atitude manifestem ou expressem incitações ao movimento grevista; 6.3 não permitir o uso de instrumentos, artefatos ou outros, capazes de provocar poluição sonora, visual nas dependências da FSA; não permitir a fixação de panfletos, cartazes, recortes ou outros nos murais, paredes, pilastras, vidraças, janelas, etc., sem a prévia autorização do Responsável pela Administração local;...

Na eleição para Reitor: 60% dos estudantes disseram não a atual Reitoria, no entanto, tudo indica que a Prefeitura ira manter a atual Reitoria que faz coro a politicagem, a Educação privada e para o mercado e ao Mensalão Petista.

Aos estudantes está reservado surpresas na volta das aulas. Mensalidades mais caras, tentativa de expulsão dos inadimplentes, cursos fechando e a instituição do AI 5 dos governos militares. Só nossa organização com a Democracia Operária, unificação com todos os setores em luta e com os oprimidos em geral e a luta direta poderá enfrentar esta situação.

APEOESP: GOVERNO E BUROCRACIA PETISTA DE BRAÇOS DADOS

Na campanha salarial de 2000 o professor paulista com o apoio da comunidade escolar (pais, alunos e trabalhadores em geral) durante 43 dias saiu às ruas do Estado de São Paulo para exigir do então governo Covas/PSDB reajuste nos salários, reposição das perdas acumuladas e incorporação das gratificações; a defesa da escola e do ensino público também foi ponto de pauta da campanha, como de fato todos os anos em nossas campanhas essas e outras reivindicações são sempre defendidas por toda a categoria, sem divergências políticas inclusive entre as correntes políticas que se entrelaçam no seio da categoria.

Neste ano a categoria demonstrou avanços no nível de consciência de classe e em vários momentos passou por cima da burocracia sindical petista, aprovando o comando de base eleito em assembléia e o acampamento na Secretaria de Educação. Desse ponto de vista os professores saíram vitoriosos, mas o fato é que o governo de então resistiu às pressões até certo ponto e depois partiu para o ataque (ataque fascista) que culminou com o desmantelamento do acampamento, prisões e demissão de cinco companheiros lutadores, além da perseguição às testemunhas desses companheiros, o que culminou em processo criminal contra trinta e cinco professores. A burocracia petista sempre se manteve a distância e alheia aos acontecimentos, bem como se negou e se nega quase sempre a encaminhar as decisões das assembléias, quando essas não refletem seus interesses.

Em função dos ataques que vem sofrendo a educação pública e seus profissionais, a lista de reivindicações vem aumentando a cada ano, se não vejamos: em dezembro de 1996 (recesso escolar) o governo paulista em consonância com os deputados corruptos aprovou a Lei 836 que entrou em vigor em janeiro de 1997 – “o chamado plano de carreira do magistério paulista”; com essa lei e de uma só vez o governo demitiu mais de 40 mil professores, devido a diminuição do número de aulas da grade curricular.

Mais precisamente a partir daí o sucateamento da escola pública vem se agravando a cada ano. A política de destruição da educação pública que vem dando continuidade o governo Alckmin se acentuou nos últimos anos quando do fechamento de centenas de escolas, salas e períodos, superlo-

tação e com projetos como: progressão automática, aceleração, reclassificação, aumento do número de classes de suplência, tele-salas, escola da família, suplência aos finais de semana e outros; a principal conseqüência é que todos os anos são milhares de professores que ficam desempregados; e os professores que por enquanto ainda continuam na rede, além de trabalharem sob pressão de Dirigentes de Ensino, Diretores, Supervisores e, às vezes, de Coordenadores Pedagógicos com jornadas de trabalho estafante, falta de condições de trabalho e de materiais didático-pedagógico, dentre outros, tem como conseqüência a degradação contínua do processo ensino-aprendizagem.

Pois bem, por um lado o governo impõe saques de direitos aos trabalhadores em educação e destrói aos poucos a escola pública e, por outro, a burocracia sindical (Articulação/PT e PC do B) freia a luta direta da categoria e impõe derrotas. A demonstração e prova de que os professores sofrem derrotas e a escola pública está sendo destruída está no fato da diretoria majoritária petista e governista da Apeoesp vir a anos conciliando com o governo paulista. Não podemos aqui esquecer da corrente política Alternativa, liderado pelo PSTU e PSOL que com sua política imediatista, reformista e eleitoreira tem e muito contribuído para a derrota da categoria porque ora concilia com a burocracia, ora centrea e se poussa de oposição.

A CATEGORIA DÁ SINAIS DE VIDA, MAS SOFRE DERROTAS

Depois de um longo jejum de mobilizações e ações diretas – de 2001 a 2004 - os professores por duas ocasiões deram demonstrações de que sempre estão prontos para defenderem seus direitos, mesmo que a burocracia tente os impedir. Foi assim com o edital fascista do governo que impôs a demissão intrínseca de milhares de PEB-I. Mesmo assim, mais de cinco mil professores saíram às ruas para protestar e exigir do governo a anulação imediata do edital, sem contar com o chamado da burocracia, mas contou com todo um trabalho do conjunto das oposições; novamente a burocracia se pôs entre o governo e os professores como um freio à luta direta do conjunto dos trabalhadores em educação e a saída desta não fora a de enfrentar o governo e sim a de recorrer à justiça burguesa. A situação dos professores continua pendente, mesmo porque serão chamados somente 12 mil e o restante dos mais de 50 mil que foram aprovados se-

rão demitidos, perdendo todo o tempo de contribuição previdenciária e desempregados pelo resto da vida.

O governo Alckmin/Chalita com sua política do toma lá da cá achou que ao conceder reajuste de 15% mais gratificação de também 15% a categoria poderia de uma só vez demitir 120 mil professores através do PLC 26/2005 enviado a ALESP em 21/09/2005. Mais uma vez e em função desse brutal ataque os professores deram demonstração e espírito de luta, liberando seu instinto de classe e suas energias, mesmo com a tentativa por parte da burocracia petista de esconder tal ataque; com isso no dia 05/10 mais 30 mil professores saíram às ruas exigindo do governador a retirada e o engavetamento do projeto. No dia 06 de outubro o governo se sente ameaçado e faz um recuo tático dizendo que tinha retirado o projeto; a categoria não acreditou e decretou estado de greve culminando com o início desta em 24/10, durando apenas 4 dias. O fato é que com a pressão da categoria, a burocracia se vê obrigada a se orientar e acatar os anseios dos trabalhadores em educação.

Diante de tal pressão o governo também se vê obrigado a utilizar subterfúgios para conter o avanço da luta direta dos professores que nesse momento contava com o apoio incondicional da comunidade escolar; colocando todo seu aparato (mídia, dirigentes, etc.) contra a justiça do movimento, contribuindo assim com o esvaziamento da greve; paralelamente a isso faz o chamado de pouco mais de 32 mil professores PEB II concursados para sua efetivação.

A GREVE E O SEU FIM

A burocracia sindical do PT e PC do B se aproveita do recuo da categoria, devido a pressão e promessas do governo para acabar com o principal instrumento de luta (a greve), mesmo sabendo que os ataques a escola pública vão continuar em número, gênero e grau. Seguindo a mesma política da burocracia petista, a Alternativa e a ASS (PT) também optam pelo fim da greve, motivo pelos quais todos nós conhecemos: nenhum enfrentamento com governos e patrões; imediatismo, reformismo e eleições sim.

Mesmo sabendo da difícil tarefa de construção deste principal instrumento de luta de classe do proletariado, neste momento, é que nós da Oposição Revolucionária, junto com outras oposições decidimos pela defesa da continuidade da greve, entendendo e acreditando que somente este instrumento, bem como a unidade dos trabalhadores de

todos os setores em luta poderia/poderá impedir derrotas e assim manter e trazer novas conquistas.

A Oposição revolucionária é firme e clara em dizer que a partir da fundação do PT e da CUT cujo programa reformista construído ao longo de 25 anos teve sua origem na luta direta do operariado, mas que se restringiu somente as reivindicações imediatas, deixando para um segundo momento, ou melhor, nunca levar a cabo a luta pelas reivindicações transitórias (Programa de Transição), que em linhas gerais é possível aplicar nos sindicatos - afirma Leon Trotski em seu texto, os sindicatos na época da decadência imperialista - bem como a luta pelo socialismo científico/expropriação dos meios de produção privado, para assim coletivizá-los e colocá-los a serviço e usufruto de toda classe trabalhadora.

Na linha do reformismo e do aparelhismo como o do PT, o PSTU também com sua política eleitoreira e conciliadora de classe vem contribuindo e muito para o atraso da consciência de classe do proletariado brasileiro, assim como o PSOL e sua Assembléia Popular, ou seja, de Frente Popular.

É devido esse ponto de vista (negação do programa revolucionário pelos reformistas) que nós da Oposição Revolucionária temos desde o início da sua construção e tendo como origem o legado da luta de classe (materialismo histórico e dialético) e que a partir da afirmação teórica e prática do programa revolucionário e do sindicalismo revolucionário, cuja essência vem se confirmando nas análises políticas conjunturais feitas por seus componentes, bem como nas atuações concretas e bandeiras de luta apresentadas e aprovadas em assembléias e encontros das categorias em que atuamos é que se confirma o seu avanço político em número, gênero e grau. O reconhecimento por parte do proletariado é lento, mas quando ele ocorre já mais se é capaz de negá-lo. Sem sombra de dúvida este sempre foi o caminho seguido por nossos camaradas revolucionários de tempo atrás, os verdadeiros marxistas que ficarão na história para sempre e em nossas mentes. E este será o nosso lema, a luta incansável pela emancipação do proletariado de todo o mundo. Viva o internacionalismo proletário!

VITÓRIA DO GOVERNO ALCKMIN/ CHALITA

Da forma como os trabalhadores em educação têm se comportado nos últimos anos tendo em

vista os entraves burocráticos impostos pela burocracia, principalmente, a petista que tem contando na maioria das vezes com a postura política eleitoreira e conciliadora do PSTU e mais recentemente do PSOL, é que o governo se aproveitando dessa política tem feito uma devassa na educação pública. Toda a política e os projetos impostos de cima para baixo por parte do governo Alckmin/Chalita só tem acarretado em grandes perdas para o conjunto da categoria e comunidade escolar, sejam nas péssimas condições de trabalho e de ensino que tem se refletido no fechamento de escolas, salas e períodos, na falta de investimento que como sempre acarreta na perda de emprego de milhares de professores todos os anos, contribuindo assim para a precarização total das condições de vida das famílias desses profissionais.

Foi contando com a ajuda do petismo e de sua campanha de desmonte da greve, que o governo bombardeou na imprensa uma série de mentiras e paralelamente o chamado à efetivação de 32 mil professores, além da retirada estratégica do PLC 26/2005 iludindo aqueles que pensam que a política do governo de demissão pára por aí. É falso acreditar nisso. Por causa de tudo isso a greve não alavancou e já a partir do segundo dia começou o refluxo.

CONTINUA INTENSA A PERSEGUIÇÃO POLÍTICA

Em se tratando da luta pela defesa da escola e do ensino pública pelos trabalhadores em educação e comunidade escolar, a política fascista implementada pelo então governo Alckmin/Chalita tem sido uma constante no sentido, primeiro: de fazer com que os profissionais da educação pública cumpra e implemente a risca seus projetos de destruição da escola pública e do emprego através de políticas compensatórias, como bolsa mestrado para uma minoria de professores efetivos, compra de computadores, rede e teia do saber que envolve efetivos e OFA's, escola da família e etc., bem como a política do bônus, que contando com o atraso político da categoria consegue dividir e fascitizar parte da categoria, o que se torna quase que impossível se fazer um trabalho de conscientização política no seio do professorado, bem como no seio da comunidade escolar, principalmente entre os pais e alunos.

Desde 2000, quando da greve de 43 dias, as lideranças de base do professorado tem sofrido sérios ataques que culminaram desde demissão até processos criminal e administrativos, o que de cer-

ta forma tem contribuído para a desmobilização da categoria, assim como a efetivação de seus projetos sucateadores da escola pública, além da precarização das condições de trabalho e ensino, bem como a precarização da contratação dos trabalhadores em educação. Todos os anos são milhares de professores que ficam sem uma aula se quer e, quando muito conseguem uma substituição ou mesmo desenvolver um trabalho de professor eventual.

A demonstração dessa política implementada pelo governo do Estado de São Paulo se justifica a partir do momento em que a comunidade escolar da Escola Estadual Dr. Mário Santalúcia, conjuntamente com o Movimento pela Moradia da Associação Oeste de Diadema e da Apeoesp também de Diadema tomou nas mãos a luta direta pela reconstrução dessa escola e, que com muita luta e com várias idas a Secretaria da Educação acabou por fim conseguindo uma vital e importante vitória, a reconstrução da escola. Viva a luta de classe do proletariado!

Pois bem, o governo não se contentou com a vitória do movimento e mais uma vez desfechou um novo ataque contra 10 professores (8 de Diadema e 2 de Guarulhos), o que culminou na instauração de processo administrativo, que poderão estes sofrer desde uma punição de 90 dias de suspensão sem remuneração até a demissão a bem do serviço público, o que neste caso os que forem demitidos só poderão voltar à sala de aula somente após 10 anos, ou seja, nunca mais.

Não bastando a perseguição aos lutadores por parte do governo, o presidente da Apeoesp/PT também declarou no Conselho Estadual de Representantes do dia 27 de outubro de 2005 que estará estudando meios para levar companheiros professores lutadores à justiça burguesa. Isso servirá tanto para os que escreverem contra a sua pessoa (o burocrata) como também para aqueles que o falarem mal nos encontros, reuniões ou assembléias. Diante disso a Oposição Revolucionária de imediato se posicionou contra esse ataque fascista e que a assembléia geral da categoria deve se posicionar sobre tal fato.

Nesse sentido é necessário fazermos uma ampla campanha pelo fim da comissão de ética implantadas no interior da Apeoesp, bem como qualquer ação judicial para este fim e muito menos aceitar que o nosso departamento jurídico seja usado contra nós mesmos e em favor de burocratas.

Diante do exposto acima e da necessidade de continuarmos a pó em prática a luta revolucionária pelas reivindicações históricas do proletariado é que se faz necessária uma ampla campanha nacional e internacional com propaganda e agitação política pelo fim das perseguições políticas, bem como a luta pelo fim das demissões e processos criminais e administrativos contra os trabalhadores em geral.

Nesse sentido, fazemos um chamado a todas as correntes de oposição a diretoria majoritária da Apeoesp e demais organizações operárias revolucionárias para que juntos possamos promover uma ampla campanha e luta contra esses reais ataques.

PERSPECTIVA DE LUTA

Se depender dos ataques desfechados pelo governo Alckmin/Chalita, do instinto de classe do proletariado (mesmo o da educação), do programa histórico da classe proletária e dos revolucionários, com certeza estaremos nas ruas o mais breve possível. Quando a nossa atuação se baseia na luta teórica e concreta do dia a dia, esta se enraíza no seio de qualquer categoria e quando menos se esperam esta volta as ruas em defesa de suas conquistas; o confronto com os governos e patrões é inevitável e sempre estará colocando estes em cheque, bem como seu sistema de exploração e suas instituições.

A campanha em defesa do salário, emprego para todos, condições de trabalho e em defesa da escola pública neste ano de 2004 chegou ao fim. Consideramos que os entraves à luta de classe são os principais motivos para que o proletariado em geral siga o seu curso normal e sabemos que vão continuar por parte da burocracia sindical da Articulação Sindical/PT, PC do B, PSTU e PSOL.

Avaliamos que a luta pelas reivindicações imediatas e transitórias em 2006 será muito difícil,

uma vez que para nós revolucionários re-colocarmos o nosso programa em prática é necessário que façamos um trabalho intenso e prosaico em se tratando da educação pública, uma vez que esta estar sendo destruída pelos governos de todos os matizes, pois teremos pela frente um ano eleitoral, de festas e festejos para os políticos corruptos, bem como para a burocracia sindical e também para aqueles que querem ou vão ingressar nessa vida e mesa farta.

CAMPANHA E LUTA PELO FIM DAS TELE-SALAS

Sabendo do propósito do governo para sucatear a educação pública é que nós da Oposição Reconstruir (integrante da Oposição Revolucionária) e a Associação Oeste, no dia 08 de novembro de 2005 demos início a este importante trabalho entre os alunos e pais de famílias que estudam nesse regime precário de ensino nas escolas que implantaram as tele-salas. Depois de ampla discussão no interior de nossa corrente política e na Apeoesp Diadema, achamos que foi acertada iniciarmos essa campanha, mesmo sem a presença de membros da corrente política Alternativa, que acatou nossa proposta, mas que foi incapaz de ajudar a implementá-la, pois consideramos que não faz parte da tática, muito menos da estratégia dos camaradas para enfrentar a política sucateadora do governo, cuja esta vem sendo implementada por diretores de escola e dirigente regional de ensino, mesmo porque suas políticas têm sido sempre no sentido de conciliar, além de fazer vistas grossas aos ataques do governo e seus apêndices. Isso demonstra que é mais fácil atuar no campo da conciliação de classe, visando os pleitos eleitorais do que atuar com a

política e o programa marxista e do sindicalismo revolucionário. A esse tipo de atuação política damos o nome de reformismo.

Nesse dia conseguimos fazer a panfletagem em 5 escolas, restando apenas uma, o que faremos nos próximos dias. A repercussão foi boa. Esperamos que os debates no interior dessas escolas fluam e que a conclusão desse trabalho seja positivo e favorável aos trabalhadores em educação, educandos, bem como para a qualidade do ensino.

O nosso próximo trabalho é sairmos em luta contra o fechamento de várias escolas que estão na mira do governo, em Diadema.

INFORMES: na assembléia do dia 18 de novembro de 2005 nada foi deliberado, pois não teve quorum. Ficamos apenas com os informes já divulgados anteriormente e sem nenhuma perspectiva de recomeço da nossa campanha para 2006, ou seja, da continuidade da luta em defesa da escola pública e dos direitos dos trabalhadores em educação.

Com isso pretendemos iniciar no interior das sub-sedes da Apeoesp e da categoria o debate sobre a data e o mês para a convocação da 1ª assembléia de 2006. Achamos que em função do desemprego de milhares de professores que ocorrerá durante o processo de atribuição de aulas para 2006, a próxima assembléia da categoria deve ser já logo após o fim desse processo, ou seja, em fevereiro próximo.

Contatos pelo e-mail:
oposicao-reconstruir@uol.com.br